

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA FLORESTAL**

**EMYLLY THAUANE DE SOUZA SANTOS**

**TINGIMENTO DE FIBRAS VEGETAIS COM PIGMENTOS NATURAIS: UMA  
OFICINA PARA MULHERES INDÍGENAS**

**Ji-Paraná,**

**2025**

**EMYLLY THAUANE DE SOUZA SANTOS**

**TINGIMENTO DE FIBRAS VEGETAIS COM PIGMENTOS NATURAIS: UMA  
OFICINA PARA MULHERES INDÍGENAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Ji-Paraná, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Engenharia Florestal

Orientador(a): Andreza Pereira Mendonça

**Ji-Paraná,**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO.

Santos, Emylly Thauane de Souza.

Tingimento de fibras vegetais com pigmentos naturais: Uma oficina para mulheres indígenas / Emylly Thauane de Souza Santos. - Ji-Paraná, 2025.  
11 f.

Orientador(a): Dra. Andreza Pereira Mendonça.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Florestal) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Ji-Paraná, 2025.

1. Cultura. 2. Sustentabilidade. 3. Bioeconomia. I. Mendonça, Andreza Pereira (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

**Bibliotecário(a) Responsável:** Cleuza Diogo Antunes, CRB-11/864

EMYLLY THAUANE DE SOUZA SANTOS

**TINGIMENTO DE FIBRAS VEGETAIS COM PIGMENTOS NATURAIS: UMA  
OFICINA PARA MULHERES INDÍGENAS**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Ji-Paraná, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Engenharia Florestal

Aprovado pela Banca Examinadora em 01 de abril de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.(a) Orientador(a)  
Nome da Instituição

---

Prof.(a)  
Nome da Instituição

---

Prof.(a)  
Nome da Instituição

Ji-Paraná - RO, 01 de abril de 2025

# TINGIMENTO DE FIBRAS VEGETAIS COM PIGMENTOS NATURAIS: UMA OFICINA PARA MULHERES INDÍGENAS

## DYEING PLANT FIBRES WITH NATURAL PIGMENTS: WORKSHOP FOR INDIGENOUS WOMEN

### RESUMO

**Resumo:** *A utilização de fibras naturais para a produção de artesanato é uma prática antiga nas comunidades indígenas, inicialmente utilizada para a produção de itens do cotidiano, mas que hoje é fonte de renda. A pigmentação das fibras naturais é um diferencial nos produtos produzidos, agregando significado e autenticidade às peças. Pensando nisso, a oficina foi aplicada às mulheres indígenas da etnia Ikólóéhj Gavião, que fazem parte da Associação Indígena Zavidjaj Djigúhr (ASSIZA), demonstrando na prática a técnica de pigmentação das fibras naturais, a fim de demonstrar a extração e aplicação dos pigmentos naturais. Os resultados mostraram que o uso de pigmentos naturais não só enriquece a estética dos produtos, mas também agrega valor e aumenta a visibilidade da cultura das peças.*

**Palavras-chave:** *Cultura. Bioeconomia. Sustentabilidade.*

**Área Temática:** *Meio ambiente.*

### ABSTRACT

**Abstract:** *The use of natural fibers for the production of handicrafts is an ancient practice in indigenous communities, initially used for the production of everyday items, but today it is a source of income. The pigmentation of natural fibers is a differentiator in the products produced, adding meaning and authenticity to the pieces. With this in mind, the workshop was applied to indigenous women of the Ikólóéhj Gavião ethnic group, who are part of the Zavidjaj Djigúhr Indigenous Association (ASSIZA), demonstrating in practice the technique of pigmenting natural fibers, in order to demonstrate the extraction and application of natural pigments, promoting an exchange of experiences. The results showed that the use of natural pigments not only enriches the aesthetics of products, but also adds value and increases the visibility of the culture of the pieces.*

**Keywords:** *Culture. Bioeconomy. Sustainability.*

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho com fibras naturais, por meio de técnicas como trançados e tecelagem são práticas que estão profundamente ligadas à cultura indígena. Essas técnicas eram tradicionalmente utilizadas na produção de peças e artigos de uso cotidiano, como cestarias, bolsas e roupas (Manió, 2024). Atualmente, além do uso para consumo próprio, o artesanato produzido por comunidades indígenas destaca-se como uma importante fonte de renda para as aldeias, ao mesmo tempo em que preserva e propaga a tradição e o respeito pela natureza. Cada peça carrega um significado específico, refletindo a cultura do povo que a produziu (SEBRAE, 2022). Segundo Hora (2020), a forma, os desenhos e as cores expressam a herança cultural e a habilidade do artesão, estando diretamente ligados à sua região de origem.

As cores, por sua vez, possuem significados distintos que variam conforme os costumes de cada comunidade, assim como os padrões tecidos no momento da confecção (Isabela, 2021). Por isso, cada peça apresenta características únicas de cor e padrão, o que garante sua exclusividade. A pigmentação das fibras naturais é realizada a partir da extração de pigmentos de origem vegetal, os quais são utilizados para colorir as peças.

Diferentemente dos corantes artificiais, os pigmentos naturais apresentam vantagens ecológicas. Segundo Schiozer e Barata (2007), embora ainda não ofereçam a mesma estabilidade à luz, resistência a altas temperaturas e fixação de cor dos corantes sintéticos, estudos demonstram que os pigmentos naturais oferecem uma boa variedade cromática e não apresentam toxicidade à saúde (Tourinho, 2023).

A oficina proposta, teve por objetivo realizar troca de experiência sobre metodologia de pigmentação das fibras vegetais e teve como ponto de partida um diálogo prévio com as mulheres da Associação Indígena Zavidjaj Djigúhr (ASSIZA), do povo Ikólóéhj Gavião, que manifestaram interesse em aprofundar conhecimentos sobre técnicas naturais de pigmentação que pudessem ser incorporadas aos saberes e práticas artesanais já desenvolvidos por elas. A proposta surgiu no contexto da disciplina de Manejo de Produtos Florestais Não Madeireiros, com o objetivo de articular os conhecimentos científicos da instituição aos saberes tradicionais das mulheres da etnia Ikólóéhj Gavião. A oficina foi concebida como um espaço de troca de experiências, respeitando e valorizando práticas já consolidadas, como os trançados, as formas e os usos simbólicos das cores, que expressam a riqueza cultural desse povo.

De caráter teórico-prático, a atividade abordou métodos de extração de pigmentos naturais de açafrão, beterraba, jenipapo e urucum. O objetivo foi ampliar as possibilidades estéticas e econômicas das peças artesanais produzidas por essas mulheres, sem substituir ou hierarquizar suas técnicas originais.

## **2 OBJETIVOS**

Expor a metodologia de pigmentação das fibras vegetais, utilizando dos métodos teórico-prático para apresentar o método de extração dos pigmentos de açafrão, beterraba, jenipapo e urucum, e posteriormente a pigmentação das fibras vegetais de forma a agregar valor

aos produtos produzidos pelas mulheres indígenas da Assiza (Associação Indígena Zavidjaj Djigúhr) da etnia Ikólóéhj Gavião.

### **3 METODOLOGIA**

A oficina teórico-prática foi realizada durante o evento “I Oficina de Artesanato das Mulheres Ikólóéhj”, que aconteceu na Terra Indígena Igarapé Lourdes, que se localiza no município de Ji-Paraná-RO. Essa terra é habitada por diversos povos indígenas e entre eles o povo Ikólóéhj Gavião, que mantêm em sua tradição, o artesanato, como a cestaria e a pintura corporal, e vêm buscando fortalecer sua autonomia econômica por meio da valorização da cultura material.

O roteiro disponibilizado ao público participante foi elaborado de maneira simples, com figuras e frases curtas que descrevia o processo de extração dos pigmentos e o procedimento de coloração dos mesmos nas fibras vegetais. Para que uma melhor compreensão dos processos por parte do público ao qual a oficina foi apresentada, houve a presença de um tradutor no local por parte do presidente da associação das mulheres para que realizasse a tradução para a língua materna da etnia Ikólóéhj Gavião pertencente ao troco Tupi e família Mondé, possibilitando assim, uma maior interação e participação das indígenas na oficina. Houve a participação de 112 mulheres, oriundas de 12 aldeias diferentes situadas na Terra Indígena Igarapé Lourdes, sendo elas: Ikólóéhj I, Ikólóéhj II, Castanheira, Cacoal, Final da Área, Nova Esperança, Chambete, Cascalho, Bacurizal, Tucumã, Teleron e Boa Esperança. A maioria delas já desenvolve atividades artesanais em suas comunidades, como a produção de cestarias e biojoias, e demonstrou interesse em diversificar o uso de cores nos seus trabalhos, a partir de materiais naturais da região. A oficina foi dividida em três partes principais:

#### *TEORIA*

Nesta etapa foi explicado as participantes como é realizado o processo de extração e pigmentação das fibras, bem como a importância de agregar valor aos seus produtos artesanais utilizando pigmentos sustentáveis. Foi proposto o diálogo entre as participantes sobre os conhecimentos e cores já conhecidas como o jenipapo e o urucum que já é utilizado em pinturas corporais e objetos cerimoniais. A partir disso, foi realizada uma troca de experiências, em que houve o compartilhamento da extração e aplicação dos pigmentos vegetais que se almejado poderiam ser aplicados aos produtos. Também se concluiu como a diversificação de cores, com materiais acessíveis na região teria potencial de agregar valor simbólico e comercial as peças

produzidas de modo que não desvalorizasse ou substituísse os métodos já conhecidos pelas mulheres da comunidade.

### *EXTRAÇÃO DOS PIGMENTOS*

Foram utilizadas para a prática de extração de pigmento as espécies *Curcuma longa* e *Bixa orellana*, que já haviam passado por processo de beneficiamento. Como forma de padronização, as participantes usaram como medida um copo descartável de 200 ml de matéria prima vegetal para cada litro de solvente, que neste caso foi água em temperatura ambiente. Após a solubilização o material vegetal ficou em contato com o solvente por cerca de 20 minutos, após o tempo de extração, as participantes filtraram o extrato com auxílio de tecido voil e funil, obtendo-se o pigmento vegetal em sua forma bruta.

### *PIGMENTAÇÃO DAS FIBRAS VEGETAIS*

Após a extração dos pigmentos vegetais foi realizado o processo de pigmentação das fibras vegetais. Os pigmentos vegetais foram colocados em caldeirões e levados para ferver em fogo baixo, logo em seguida a palha foi submersa no pigmento e cozida por um período de 30 minutos. Após o tempo de pigmentação, as fibras foram lavadas em água corrente até parar de sair corante das mesmas, este processo foi realizado com intuito de uniformizar a cor das fibras, e por fim, as fibras foram colocadas para secar ao sol.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a aplicação da oficina foi utilizado um roteiro simples e didático mostrando os processos de extração e pigmentação utilizando de pouco texto e muitas imagens ilustrativas de forma a tornar a compreensão mais facilitada, além disso cada etapa do processo foi traduzida na língua materna, pois as mulheres possuem dificuldades para compreender a língua portuguesa (Figura 01).



Figura 01 – Roteiro de extração e pigmentação utilizado na oficina.

Fonte: Autoria própria.

Dado início a oficina, foram apresentadas as matérias primas com que seriam trabalhadas de maneira que fossem acessíveis em sua aquisição na região em que as espécies utilizadas foram urucum, jenipapo, beterraba e açafrão. Com o auxílio da liderança feminina e do roteiro que foi compartilhado, foi dado início a prática de extração dos pigmentos (Figura 02). No decorrer da oficina e em meio ao diálogo, foi perceptível o conhecimento tradicional em relação aos pigmentos de jenipapo e urucum entre as mulheres para a aplicação de pinturas corporais e em rituais. A apresentação do pigmento de açafrão como novo material, foi realizada por meio do diálogo, visto que o mesmo é abundante na região e por vezes é até mesmo considerado uma planta invasora, desse modo, foi apresentada essa possibilidade para que elas pudessem avaliar seu potencial pigmentoso para além do uso tradicional.

Para extração foi necessário a divisão das participantes em grupos e osicineiros iam até os grupos para apresentar o processo de extração do pigmento. Todo o processo foi realizado com a presença da líder indígena para a tradução do que estava sendo falado pelos oficineiros de forma a otimizar o entendimento das mulheres sobre o processo de extração (Figura 02).



Figura 02 – Apresentação do relatório e início da prática de extração.

Fonte: Autoria própria.

Após a extração, nos dirigimos até a cozinha onde mostramos o processo para a pigmentação da fibra. Em caldeirões, dividimos os extratos e os colocamos para aquecer e íamos mostrando o processo para os grupos que anteriormente foram divididos para otimizar o tempo e o espaço disponível (Figura 03). Foi explicado sobre a necessidade de se colocar as fibras para pigmentar em fogo baixo de forma a não degradar os pigmentos vegetais que possuem baixa estabilidade em altas temperaturas (Silva, 2020).



Figura 03 – A) Pigmentação das fibras vegetais; B) Coloração final das fibras; C) Cestaria sendo comercializada após a oficina utilizando da técnica de pigmentação.

Fonte: Autoria própria.

Posteriormente a isso as fibras foram levadas para serem secas ao ar em um varal estendido do lado de fora do centro onde estava ocorrendo a oficina. Lá, foi observado que todas as cores apresentaram boas tonalidades e as mulheres comentaram sobre como essas cores se destacariam nas cestarias prontas e, que o tingimento das fibras vegetais seria uma forma boa de agregar valor ao produto fabricado por essas mulheres.

Outro levantamento feito pelas participantes foi sobre a possibilidade de usarem os extratos para pigmentar as biojoias produzidas por elas. Osicineiros explicaram que era uma possibilidade e que com o material de apoio (roteiro) de produção de extrato elas poderiam produzir os pigmentos e aplicar nas biojoias para testar o potencial pigmentoso.

Ao fim foi possível observar um bom aproveitamento das mulheres indígenas com a oficina uma vez que, em um evento que ocorreu posteriormente a aplicação da oficina já haviam cestarias com fibras pigmentadas com extratos vegetais sendo comercializadas (Figura 03C).

## **CONCLUSÕES**

A oficina realizada promoveu uma troca valiosa entre as mulheres da comunidade e os oficineiros, mantendo o respeito entre os saberes tradicionais. Durante a oficina foi explicitado que o uso tradicional de pigmentos naturais e fibras vegetais foram valorizadas durante o diálogo promovido, abrindo espaço para novas possibilidades como o uso do açafrão e da beterraba, apresentadas como forma de experimentação. Foi demonstrado pelas participantes o interesse na aplicação das alternativas apresentadas, refletindo na produção e comercialização de cestarias com novos pigmentos, promovendo o fortalecimento cultural

## **AGRADECIMENTOS**

Os autores do trabalho agradecem ao projeto de curricularização da extensão na disciplina de Manejo de Produtos Florestais Não Madeireiros com o título “Avaliação do pH do pigmento do jenipapo”. Ao Instituto Federal de Rondônia - Campus Ji-Paraná por meio do edital 12/2023/REIT/IFRO que possibilitaram a pesquisa e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão das bolsas.

## **REFERÊNCIAS**

- HORA, Virna da. No entrelace das Fibras Vegetais. Projeto Alagoas, 2020, Alagoas.
- LAGROU, Els. Arte indígena: agência, alteridade e história. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 275–294.
- MANIÓ. Arte Indígena Brasileira: Características e Curiosidades. Manió Artes, São Paulo. 2024.
- RETROBEL, Isabela. Arte Indígena: Cores, Simbolismo e Diversidade. Blog Retrobel. 15 de agosto de 2021.
- SCHIOZER, Adriana Lopes; BARATA, Lauro Euclides Soares. Estabilidade de corantes e pigmentos de origem vegetal: estado da arte. Revista Fitos, Campinas, v. 1, p. 1–19, jun.

2007.

SILVA, Jhamayca Nayana Rufino da. Pigmentos naturais de origem vegetal: clorofila, antocianinas e betalainas alterações e benefícios. 2020. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Tecnologia de Alimentos, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

TOURINHO, Helena. Pigmentos naturais na arquitetura: fontes, aplicações e por que usar. ArchDaily Brasil, 13 ago. 2023.

VAN VELTHEM, Lúcia Hussak. Grafismo indígena: estudos de antropologia estética. São Paulo: EDUSP; CNRS, 1993.